REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO
https://doi.org/10.21747/21833958/red18a1

Ethos, tipos e a construção do universo de sentidos no discurso constituinte teológico

MÁRIO ACRISIO ALVES JUNIOR
mario.a.alves@ufes.br

Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil (2015)
Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.
ORCiD: https://orcid.org/0000-0002-1732-8251

CANDIDO FERREIRA DE SOUZA JUNIOR
candido.souzajunior@gmail.com

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil (2025)
Professor substituto da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.
ORCiD: https://orcid.org/0000-0002-1790-3826

PALAVRAS-CHAVE:
Ethos Discursivo;
Tipologia Bíblica;
Análise do Discurso Francesa;
Discurso Constituinte Teológico.

ARTIGO RECEBIDO A:
01/08/2025
ARTIGO APROVADO A:
20/04/2026

RESUMO: Nosso artigo focaliza a ocorrência da tipologia bíblica no discurso constituinte teológico na perspectiva dos estudos linguísticos, com o objetivo de compreender como a categoria dos tipos e a noção de ethos discursivo se articulam na constituição da produção de sentidos. Lançando mão de um estudo de interface, buscamos, pela via da análise do discurso, alargar nosso entendimento acerca de uma categoria consagrada pela hermenêutica e pela exegese bíblica. Embora essas matrizes interpretativas teológicas venham contribuindo sistematicamente para o estudo das Escrituras, compreendemos que esta é uma seara em que a Linguística, enquanto ciência da linguagem, pode e deve lançar o seu olhar investigativo. Assim, o fundamento teórico-metodológico que norteia nossa investigação advém da vertente enunciativo-discursiva de Análise do Discurso Francesa, a partir das contribuições de Maingueneau (1995, 2000, 2008, 2009, 2015, 2020, 2022), em diálogo com as reflexões de Nascimento (2009, 2020a, 2020b). Após breve exposição de caráter histórico, teórico e conceitual acerca dos tópicos que se entrelaçam, apresentamos, a título de amostragem, a análise de um recorte particular das Sagradas Escrituras – o Prólogo do Evangelho segundo João, situado no capítulo 1. Acreditamos que o caminho teórico-analítico trilhado, além de dar cabo ao nosso objetivo, desvela uma enunciação por meio da qual é projetada a imagem de alguém que fala em nome de Deus e que é por Ele avalizado, além de corroborar, em sintonia com estudos anteriores, que os tipos evidenciam a estreita relação de correspondência entre Antigo e Novo Testamentos da Bíblia Sagrada.

Ethos, types and the construction of the universe of meanings in the theological constituent discourse

MÁRIO ACRISIO ALVES JUNIOR
mario.a.alves@ufes.br

PhD in Vernacular Languages (Portuguese Language) from Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brazil (2015).
Associate Professor at Universidade Federal do Espírito Santo, Brazil.
ORCiD: https://orcid.org/0000-0002-1732-8251

CANDIDO FERREIRA DE SOUZA JUNIOR
candido.souzajunior@gmail.com

PhD in Linguistics from Universidade Federal do Espírito Santo, Brazil (2025).
Substitute Professor at Universidade Federal do Espírito Santo, Brazil.
ORCiD: https://orcid.org/0000-0002-1790-3826

KEYWORDS:
Discursive *Ethos*;
Biblical Typology;
French Discourse Analysis;
Theological Constituent Discourse.

ARTICLE RECEIVED ON:
08/01/2025
ARTICLE ACCEPTED ON:
04/20/2026

ABSTRACT: Our article focuses on the biblical typology in the theological constituent discourse from the perspective of linguistic studies, with the aim of understanding how the category of types and the notion of discursive ethos are articulated in the constitution of meaning production. By employing an interface study, we seek, through discourse analysis, to broaden our understanding about a category established by hermeneutics and biblical exegesis. Although these theological interpretative methods have systematically contributed to the study of the Scriptures, we understand that this is a field in which Linguistics, as a science of language, can and should direct its investigative gaze. Thus, the theoretical-methodological foundation that guides our research stems from the enunciative-discursive approach of French Discourse Analysis, drawing on the contributions of Maingueneau (1995, 2000, 2008, 2009, 2015, 2020, 2022), in dialogue with the reflections of Nascimento (2009, 2020a, 2020b). After a brief historical, theoretical, and conceptual exposure regarding the intertwined topics, we present the analysis of a particular excerpt from the Holy Scriptures – the Prologue of the Gospel according to John, located in chapter 1. We believe that the theoretical-analytical path taken, in addition to achieving our objective, unveils an enunciation through which the image of someone who speaks on behalf of God and is endorsed by Him is projected. Furthermore, it was possible to reinforce, in line with previous studies, that the types corroborate the close correspondent relationship between the Old and New Testaments of the Holy Bible.

Considerações iniciais

A interpretação do texto bíblico tem sido objeto de interesse para diversificados públicos e áreas do conhecimento desde a antiguidade pré-cristã. Teólogos, filósofos, historiadores, antropólogos, além de estudiosos da literatura e da linguagem, entre tantos outros, debruçam-se sobre o discurso bíblico, assumido aqui enquanto discurso constituinte teológico, um *thesaurus* do conhecimento e da cultura ocidentais, balizador de condutas morais, éticas, religiosas, políticas, econômicas, familiares etc.

O *thesaurus* bíblico, como produtor de discurso, enseja efeitos de sentido diversos, no interior de relações sociais diversas, em um ambiente sociocultural dado. Torna-se, portanto, terreno fértil para Análise do Discurso de linha francesa (AD), que se coloca como uma disciplina fronteiriça, interdisciplinar por natureza, e altamente produtiva no exame do entrecruzamento entre um texto e seu lugar social. A apreensão das Escrituras enquanto discurso constituinte teológico, conforme propõe Nascimento (2009, 2020a, 2020b), nos permite pensar a constituição discursiva do *thesaurus* bíblico, sua organização, seus mecanismos do dizer, o que nos conduz, consequentemente, a efeitos de sentido ainda pouco explorados.

O estudo dos tipos e figuras engendrados no interior do discurso teológico tem se mostrado relevante para a compreensão de conceitos e valores propagados no/pelo discurso. Recentemente, temos produzido investigações que compreendem a tipologia bíblica em uma perspectiva discursiva (Alves Junior & Nascimento, 2023; Nascimento *et al.*, 2024). Nessa visão, os tipos são considerados mecanismos de linguagem responsáveis por antecipar, ainda que obscuramente, devido à sua natureza profética, revelações do porvir. No interior das Escrituras, isso se traduz na inter-relação entre Antigo e Novo Testamento, de maneira que o primeiro antecipa revelações que só se tornam claras

CC BY

e evidentes no segundo. Essa forma do dizer profético do Antigo Testamento é materializada por meio de figuras e símbolos, tais como os tipos.

Também o estudo do *ethos* discursivo tem se mostrado relevante na investigação de diversas materialidades linguísticas, buscando compreender a relação que se estabelece entre um discurso e o sujeito enunciador que fala em seu interior. Segundo Maingueneau (2009), todo discurso tem uma voz, que se manifesta em um corpo enunciativo, construído na relação entre o intra e o extra discurso, o linguístico e o social. Um sujeito enunciativo que se torna fonte de referências pessoais, temporais e espaciais, um Eu-Tu-Agora, capaz de situar um discurso em sua dimensão espaço-temporal e social. Essa corporalidade é construída na interação entre enunciador e co-enunciador, por meio de representações sociais avalizadas, cuja manifestação só pode ser compreendida na enunciação em uma dada condição socio-histórico-cultural de produção.

Em virtude do exposto acima, delineamos nosso objetivo de análise à compreensão da relação que se estabelece entre *ethos*, tipos e a construção do universo de sentidos instaurado no/pelo discurso constituinte teológico, apreendendo o teológico como espaço de interação intra e interdiscursiva. Nossa hipótese é a de que há uma estreita relação entre os tipos mobilizados no interior do *thesaurus* bíblico e a construção da corporalidade enunciativa que se assume como responsável pela construção de todo o discurso teológico, um hiperenunciador, o qual se torna o sujeito validante e integrador do discurso. A fim de atingirmos o objetivo proposto, lançamos mão do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, em especial a perspectiva enunciativodiscursiva proposta por Maingueneau (1995, 2000, 2008, 2009, 2015, 2020, 2022), em diálogo com as reflexões de Nascimento (2009, 2020a, 2020b). Sobre as facetas e os modos de interpretação do texto bíblico, nos valemos de oportunas e aprofundadas reflexões advindas do campo filosófico, com Schleiermacher (2015) e Smith (2021), pois acreditamos que elas nos abrem os olhos tanto para as

motivações quanto para a essencialidade da interpretação bíblica. Afinal, muito do que se desenvolveu até os dias de hoje acerca da hermenêutica bíblica é tributado a pensadores que articulavam essas reflexões filosóficas junto ao conhecimento teológico, postura que caracteriza ícones como Fílon de Alexandria, Agostinho de Hipona e João Calvino.

Selecionamos como *corpus* para a análise o prólogo de João, materializado no evangelho canônico de João 1: 1-18. Trata-se de um dos textos fundamentais para a teologia do Novo Testamento, onde se apresenta de forma explícita a doutrina do Verbo-acontecimento, a revelação da natureza divino-humana de Jesus. Nosso percurso analítico se desenvolve nos seguintes passos: primeiramente, tecemos considerações sobre a reflexão teológico-filosófica para a interpretação do *thesaurus* bíblico; na sequência, buscamos compreender o fenômeno da tipologia na constituência do discurso teológico; a seguir, discutimos as contribuições da AD francesa, em especial no que tange aos discursos constituintes e aos estudos sobre *ethos* discursivo. Posteriormente, apresentamos nossa análise do *corpus* constituído. Concluindo, tecemos nossas considerações finais.

1. A interpretação da Bíblia Sagrada: reflexões filosófico-teológicas

É oportuno, inicialmente, considerarmos a reflexão de Smith (2021), para quem o mundo originalmente criado, anterior à queda da humanidade, não careceria de uma intervenção interpretativa, tendo em vista que, em seu estatuto de perfeição, a comunicação seria imediata, infalível, sem ruídos. O precedente para essa afirmação se encontra na raiz de uma tradição filosófico-teológica, segundo a qual a interpretação do texto bíblico estaria ligada à Queda[1]. Nesse sentido, a hipótese dessa tradição é a de que nenhuma hermenêutica seria necessária se não tivesse ocorrido a queda. A fim de apresentar essa proposição com clareza, é com as seguintes palavras que o filósofo James K. A. Smith introduz a sua obra *A queda da interpretação:*

1. Referência ao pecado original relatado no capítulo 3 do Gênesis.

CC BY

> A interpretação sempre foi considerada um pecado. Vista como um fenômeno pós-lapsariano (ocorrido após a Queda) do qual a humanidade deve ser remida, a hermenêutica tem sido tradicionalmente ligada à maldição e à expulsão do Jardim. Em suma, a interpretação é a consequência da Queda; ela mesma é uma queda – do inteligível ao sensato, da imediação à mediação, da leitura à hermenêutica. De acordo com o poeta medieval Dante, a própria natureza da Queda foi a transgressão do sinal (*il trapassar del segno*), um ato semiótico ilícito que deu início à trágica história da interpretação e corrompeu a imediação anterior que Adão desfrutava no Éden. A hermenêutica é algo a ser superado pela redenção, por meio da qual a maldição da interpretação será removida em um paraíso hermenêutico no qual a interpretação está ausente (Smith, 2021, pp. 37-38).

De acordo com essa versão, que supõe o lapso adâmico como explicação para a necessidade da hermenêutica, todo o esforço empreendido na aplicação de um método de interpretação deve nos conduzir à produção de sentidos que, antes da Queda, antes de se tornarem latentes, eram manifestos claramente, sem mediações, pois o homem original, pleno e sem mácula, formava uma unidade perfeita com o Criador. Tal perspectiva se identifica com uma afirmação de Martinho Lutero, para quem:

> Tudo o que Deus quis ou disse, o homem também quis, creu e entendeu a mesma coisa. O conhecimento de todas as outras criaturas necessariamente seguiu esse conhecimento; pois onde o conhecimento de Deus é perfeito, também o conhecimento de outras coisas que estão sob Deus é necessariamente perfeito (Luther, 1955, p.141).

Problemática posta, Smith (2021) conclui que, como seres limitados, nunca teremos acesso aos pensamentos do outro, pois "sempre ouço o outro ou leio um texto a partir de 'onde estou', traduzindo o discurso do outro de modo que eu possa entender". Embora as intenções de significação

desse Outro sejam sempre inacessíveis, temos ao nosso alcance a possibilidade de inventariar possibilidades, e é claro que tal inventário decorre da atividade interpretativa. Interpretar, ainda que limitadamente, é operar com a linguagem. E, contrariando parcialmente a hipótese da interpretação como resultante do pecado original, ousamos afirmar que se procedermos a alguma atividade interpretativa ou analítica de textos sagrados, tal qual o fazem os hermeneutas, filósofos, filólogos, linguistas ou analistas do discurso, é porque somos seres de linguagem e, logo, a linguagem nos constitui como sujeitos.

Assim, é preciso registrar que consideramos precisa a essencialidade do fenômeno pós-lapsariano como explicação para a necessidade da hermenêutica, mas que, de nosso ponto de vista, é a constatação da existência da linguagem, constitutiva das estruturas, dos sentidos e dos sujeitos que a mobilizam, partiremos do que há, do que está posto: a própria hermenêutica. Nos parágrafos a seguir, buscaremos, suscintamente, expor os fundamentos da hermenêutica bíblica, conforme sua configuração primordial, explorando enfaticamente o fenômeno da tipologia bíblica. Ao mesmo tempo, mais ao final da próxima seção, nos valeremos das limitações do método hermenêutico propositadamente para justificar as contribuições do modelo de análise do discurso aqui adotado para o exame do discurso teológico.

2. O lugar da tipologia bíblica na interpretação do discurso teológico

A história do estudo interpretativo de textos sagrados se confunde, de certa forma, com a própria história da linguagem no que diz respeito à tradição oral de transmissão e compreensão dos relatos e feitos do passado, geração após geração. Em um tempo em que a escrita ainda não existia ou, mesmo

CC BY

posteriormente, quando essa modalidade de linguagem ainda era pouco acessível, a memória era o arquivo em que se armazenavam os acontecimentos.

Com o surgimento e o desenvolvimento da escrita, os registros passam a se fixar graficamente e o resultado é que enquanto a tradição oral garantiria a transmissão geracional, a escrita, além de também cumprir essa função, passa a constituir a fonte histórica documentada dos acontecimentos diretamente relacionados ao sagrado e ao religioso.

Na história do cristianismo, o cânone dos registros históricos está contido na Bíblia Sagrada, fonte do *archeion* que constitui o que, neste trabalho, chamamos de discurso teológico cristão ou, simplesmente, discurso teológico. A propósito das sagradas escrituras, precisamos compreender que, a despeito do desenvolvimento de matrizes interpretativas teológicas como a hermenêutica e a exegese bíblicas, os escritos mais antigos sempre foram objeto de contemplação e de reflexões sobre sua compreensão pela comunidade de leitores/ouvintes. Emblematicamente, muitas dessas reflexões foram elaboradas no Novo Testamento bíblico, cujo objeto de interpretação era o conjunto de textos que compões o *archeion* veterotestamentário.

Não raro, nos relatos dos quatro evangelhos, Jesus Cristo emprega, como expediente de suas pregações e afirmações, a retomada de textos do Antigo Testamento, a fim de explicá-los ou de reivindicar um sentido superior a esses textos; um sentido que transcende até os mais diferentes significados da letra escrita. Um número considerável dessas menções veterotestamentárias no novo testamento é extraído dos livros proféticos. Um dos mais emblemáticos exemplos se encontra no Evangelho escrito por Mateus, em uma ocasião em que Jesus testemunha em favor de João Batista, resgatando uma profecia registrada no livro do profeta Isaías: “Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti” (Mateus 11:10 - Bíblia Sagrada, 1998, p. 1345).

A hermenêutica, ainda no século I d.C., surge como uma tentativa de reunir um conjunto de parâmetros e regras interpretativas, mas, durante séculos, foi-se desenhando mais como arte do que como método. Filósofo e teólogo à época, judeu natural de Alexandria, Fílon é consensualmente conhecido como precursor da hermenêutica. No fundamento de sua abordagem para o estudo interpretativo dos textos do antigo testamento está o pressuposto de que certos significados não literais veiculam, implicitamente, uma carga de sentido ético e espiritual e, logo, sua correta apreensão não é facilmente acessada.

Em outros termos, foi Fílon de Alexandria o responsável pelo desenvolvimento da interpretação alegórica do texto bíblico, por meio da qual se concentra, principalmente, no exame da reunião de livros conhecida como pentateuco, correspondente aos cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada e cuja autoria é atribuída a Moisés. A interpretação alegórica vincula-se à busca pela expansão da letra. Distancia-se da interpretação *ipisis litteris*, pois compreende-se que a literalidade da palavra aprisiona a mensagem no mundo humano das ideias, em contraposição à mensagem divina revelada, muitas vezes, nas entrelinhas do texto sagrado ou até numa palavra especialmente revelada – *rhema* – a um indivíduo inserido em uma situacionalidade particular.

Dessa forma, a mensagem profética está, por vezes, codificada por trás de símbolos ou alegorias, cabendo ao intérprete trazer essa mensagem à luz. O expediente impreciso e volúvel de certos termos, expressões ou relatos, o que torna fatores pragmáticos essenciais à sua compreensão, é próprio de qualquer expressão de linguagem e não há motivo para que uma obra tão complexa, marcada pela multiplicidade de gêneros, autorias e estilos, tal como é a Bíblia Sagrada, fugisse a esse traço conotativo. Nas palavras de Lund (1968, p. 20), "nada mais natural que contenham as Escrituras pontos obscuros, palavras e passagens que requerem estudo e cuidadosa interpretação".

CC BY

Em seu manual de hermenêutica, Lund (1968) elenca relativa diversidade de alegorias e figuras de retórica de frequente recorrência no discurso bíblico, entre as quais: metáfora, sinédoque, alegoria, antítese, fábula, parábola, e o tipo, entre outras. Este último é o que nos interessa abordar enquanto figura resultante do fenômeno designado tipologia bíblica.

Em suma, a tipologia está entre as categorias que se aplicam à interpretação alegórica do discurso bíblico. O conjunto de textos pertencentes à antiga aliança, popularmente conhecido como velho, antigo ou primeiro testamento das Sagradas Escrituras, é onde se encontra uma vasta riqueza de recursos alegóricos de linguagem. Obviamente, esses recursos vão permear, de forma mais evidente, discursos que primam por uma linguagem predominantemente estética, tais como os Salmos e o Cântico dos Cânticos, livros do antigo testamento conhecido como poéticos.

Certo é, porém, que o emprego de alegorias, tropos e outras formas de linguagem figurativa aparecem ao longo de todo o discurso teológico cristão, ou seja, de Gênesis a Apocalipse. Em muitas ocorrências do discurso bíblico, o uso de determinados elementos desempenha o papel de declarar uma profecia – um prenúncio do porvir. A esse respeito, sustentamos que, do ponto de vista de uma finalidade ou propósito comunicacional, a tipologia bíblica é utilizada, ao longo do Antigo Testamento, em função de uma visada profética. Esse pressuposto pode ser amparado pela própria definição de tipo: "classe de metáfora que não consiste meramente em palavras, mas em fatos pessoas ou objetos que designam fatos semelhantes, pessoas ou objetos no porvir" (Lund, 1968, p.79).

E se desejamos uma compreensão mais elaborada acerca da tipologia, consideramos pertinentes as palavras de Davidson (2004):

> A Tipologia pode ser definida como um empenho hermenêutico por parte dos escritores do Novo testamento, como um estudo das realidades históricas da salvação no Antigo Testamento, ou dos "tipos" (pessoas, eventos, instituições) os quais Deus especificamente designou para corresponder e prefigurar preditivamente os aspectosde seu intensificado cumprimento antitípico (Davidson, 2004, p.61).

Na proposição de Davidson, chama a atenção o destaque aos escritores do Novo Testamento, ao apresentarem, em seus relatos, a concretização de acontecimentos prefigurados pelos escritores do Antigo Testamento. O "empenho hermenêutico", assim, diz muito sobre o compromisso desses autores com o desvelamento das profecias enunciadas nos registros veterotestamentários.

Ainda que o estudo da tipologia bíblica tenha sido consagrado pela hermenêutica bíblica, como matriz interpretativa teológica, atribuindo maior foco ao produto – o tipo, enquanto unidade linguístico-semântica, tendo em vista sua configuração verbal, interessa-nos aqui, segundo o rastro de Nascimento et al. (2024), examinar não um processo que dá origem a um simples produto ou signo verbal, mas um percurso de "mediação entre a 'sombra' veterotestamentária e o objeto, a pessoa, o acontecimento ou a mensagem revelada concretamente no discurso neotestamentário" (p.55). Além disso,

> Vale ressaltar, por conseguinte, que essas figuras, intencionalmente empregadas em circunstâncias de produção determinantes para a compreensão global dos processos de constituição do discurso teológico, são importantes para o entendimento de uma visada profética, traço distintivo não apenas nos registros dos profetas, mas também nos livros poéticos, nos históricos e, de forma peculiar, na Torah (Nascimento, Alves Junior e Souza Junior, 2023, p.55).

CC BY

Para a análise em vista, acreditamos que os estudos contemporâneos sobre o discurso possam alargar nossa compreensão acerca do fenômeno em apreço, uma vez que, na perspectiva discursiva, é possível compreender a produção dos enunciados para além dos próprios enunciados. Em outras palavras, podemos compreender melhor os processos por meio dos quais a linguagem produz sentidos, se observarmos a trajetória, o processo de apreensão de uma estrutura linguística em seu pleno funcionamento em condições efetivas de uso por um sujeito enunciador. Por isso mesmo, na próxima seção abordaremos o conceito de condições socio-histórico-culturais de produção do discurso, conforme proposta no interior da Análise do Discurso Francesa.

3. Contribuições da Análise do Discurso Francesa: conceitos e categorias

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) tem aprofundado discussões que envolvem o estudo da linguagem e sua inserção social, desenvolvendo pesquisas nas mais diversas áreas, inclusive, no campo da Teologia. A AD constitui-se em uma disciplina heterogênea e interdisciplinar por natureza, na medida em que mantém diálogo constante com vários campos do saber. A noção de discurso, proposta por Maingueneau (2015), implica a interação de conhecimentos advindos de diferentes disciplinas, tanto das ciências humanas como sociais, que ativam o que ele chama de "um conjunto aberto de *leitmotiv* de ideias-força" (Maingueneau, 2015, p.25). O discurso é apreendido como a intricação de um texto e um lugar social, aquilo que une toda a estrutura pertencente a uma organização textual a todos os elementos que compõem uma situação real de comunicação, inclusive as condições socio-históricas e culturais de produção de seus enunciados. Assim, as pesquisas no interior da AD buscam apreender o discurso na totalidade de sua complexidade enunciativa e histórico-social.

Refletindo sobre as propriedades que atuam na constituência dos discursos em circulação na sociedade, Maingueneau e Cossutta (1995) levantaram a hipótese dos discursos constituintes, aqueles que, pela sua própria natureza, reivindicam para si a posição de auto fundantes, que não reconhecem outra autoridade além da sua própria, que não admitem quaisquer outros discursos acima deles. São discursos primeiros, fundadores, que têm a pretensão de legitimar a totalidade da produção discursiva em circulação na sociedade, por meio dos quais inúmeros outros discursos se constituem. Maingueneau (2000) admite como constituintes os discursos filosófico, científico, religioso e literário. Na presente análise, adotamos o posicionamento defendido por Nascimento (2009, 2020a, 2020b), que propõe a inclusão do discurso teológico no rol dos constituintes, em substituição ao discurso religioso. Para ele, o religioso se constitui por meio do interdiscurso teológico, sendo, este último, auto fundante.

Devido à posição de emergência no interdiscurso e por partilharem certas propriedades peculiares, os discursos constituintes exigem uma análise diferenciada. A fim de que possam autorizar-se a si mesmos, buscam a proximidade com uma fonte legitimadora, algo que assevere seus próprios enunciados, que sirva como o garante de um dizer. Essa fonte pode ser, à guisa de exemplo, a Razão, no caso do discurso científico; ou a Verdade, no caso do discurso filosófico; ou, ainda, o próprio Deus, no caso do discurso teológico. O paradoxo constitutivo do funcionamento de tais discursos é que esse Absoluto que os legitima é supostamente exterior ao discurso, para lhe conferir autoridade, mas deve ser construído por esse mesmo discurso para poder fundá-lo. Assim, eles se tornam ao mesmo tempo auto e hetero constituintes. Para Maingueneau (2000), o estatuto fundador de tais discursos não significa que a multiplicidade de outras produções discursivas não atue sobre eles, ao contrário, essa interação entre discursos constituintes e não constituintes é intensamente produtiva no ambiente social. Maingueneau (2008) afirma que os discursos constituintes possuem o *archeion*

CC BY

de uma coletividade, termo grego ligado a *arché*, "fonte", "princípio" e, a partir, disso, "mandamento", "poder". Por isso, são capazes de dar sentido aos atos do conjunto da sociedade.

> O "archeion" é a sede da autoridade, um palácio, por exemplo, um corpo de magistrados, mas também os arquivos públicos. O "archeion" associa assim intimamente o trabalho de fundação no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado a um corpo de enunciadores consagrados e uma gestão da memória (Maingueneau, 2008, p. 38).

Os produtores dos discursos constituintes elaboram discursos-limite, cuja instauração se funda na condição paratópica de seu próprio ato de criação. Trata-se de uma negociação constante entre pertencer e não pertencer a uma topia social. A enunciação se constrói na paradoxal impossibilidade de o produtor do discurso atribuir para si mesmo a autoria de seus enunciados. Ele fala em nome do Absoluto que legitima todo o discurso, um hiperenunciador, a única voz capaz de asseverar a validade da enunciação. Para que haja verdadeira auto constituição, o sujeito produtor precisa, de certo modo, "neutralizar" sua própria voz, para que a fala do Absoluto se evidencie. Segundo Nascimento (2020a, p.25), fica bem claro que a paratopia nos discursos constituintes se vincula a um processo criador consciente, que "[...] permite o acesso a um não lugar autoral e produz no autor uma condição de ser e não ser criador do seu próprio discurso."

O discurso constrói, assim, sua própria condição de enunciabilidade. Maingueneau (2009) afirma que os discursos constituintes engendram um processo de embreagem paratópica criadora, a fim de conectar seus próprios elementos estabilizantes. Segundo ele, a embreagem linguística normalmente é compreendida como a relação entre um enunciado e a situação de comunicação, mobilizando unidades que participam, ao mesmo tempo, da língua e do evento enunciativo. Dessa forma, a embreagem paratópica reúne os elementos do mundo instaurado no/pelo discurso ao próprio ato criador do autor que constrói esse mundo. Essas unidades embreantes se articulam na cena de enun-

ciação instaurada, possibilitando a construção de um universo enunciativo onde aquele dizer se torna possível.

Pensar a constituição desse universo dizível nos leva, inevitavelmente, a refletir sobre a corporalidade do sujeito enunciador no discurso, aquilo que as pesquisas produzidas na AD comumente denominam *ethos* discursivo. Essa corporalidade é construída na interação entre enunciador e co-enunciador, tendo como base representações sociais estereotipadas, às quais a enunciação pode reforçar ou transformar. Assim, o *ethos* discursivo se constitui por meio do imbricamento entre o linguístico e o social, uma dinâmica que envolve o processo de construção da enunciação e os gestos de leitura de seus co-enunciadores. São representações sociais avalizadas, cuja manifestação só pode ser compreendida na enunciação, por meio da cenografia instaurada em uma dada condição socio-histórico-cultural de produção. De acordo com Charaudeau (2009, p. 117) "[...] a visão que uma sociedade tem do corpo depende dos imaginários coletivos que ela constrói para si."

O conceito de *ethos* discursivo na AD se desenvolve tendo como base a Retórica clássica, na qual o orador buscava construir uma certa identidade para si, uma imagem que fosse capaz de convencer um auditório, ganhando sua confiança. Em uma visada discursiva, a elaboração dessa "imagem", construída no ato de enunciar, nos permite fazer a distinção entre o sujeito empírico, aquele que efetivamente profere o discurso, daquele sujeito discursivo, que emerge da enunciação, que é validado a partir do próprio processo enunciativo. Para Maingueneau (2009), o *ethos* é uma noção discursiva, construído por meio do discurso; está intrinsecamente ligado a um processo interativo de influência sobre o outro; é uma noção híbrida, de caráter socio-discursivo, um comportamento socialmente avalizado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa numa dada conjuntura socio-histórica e cultural.

CC BY

Maingueneau (2020) ressalta que o *ethos* efetivo de um discurso resulta da interação de três categorias. O *ethos pré-discursivo*, que diz respeito a representações que se tenha do enunciador antes mesmo da sua fala; uma certa expectativa em relação ao enunciador que está ligada ao interdiscurso, aos dizeres que antecedem à sua fala e produzem certas representações sociais antes mesmo que ele enuncie. O *ethos dito*, que é aquele proposto diretamente na enunciação, uma imagem que o enunciador procura construir de si mesmo no discurso, como, por exemplo: "tenho trabalhado arduamente pelo bem desta comunidade" ou "este humilde servo do Senhor que vos fala". O *ethos mostrado*, que é aquele construído indiretamente no transcurso da enunciação. O co-enunciador constrói uma "imagem" do enunciador pelo próprio desenvolvimento da enunciação. Essa corporalidade é ativada tendo como base um conjunto difuso de representações sociais estereotipadas, validadas socialmente.

Finalizando nossas considerações sobre a questão do *ethos* discursivo, é preciso levar em consideração aqueles discursos que, pela sua própria natureza constitutiva, produzem mais de uma enunciação. Isso conduz, inevitavelmente, a enunciadores com *ethos* distintos. O caso típico é o do discurso teatral. Nele, temos um *ethos* de personagem, aquele que enuncia na cena dramática, e o *ethos* do dramaturgo, aquele "arquienunciador" invisível que fala pelo conjunto da dramaturgia encenada. Dessa forma, temos duas enunciações encaixadas. Uma não subsiste sem a outra. O mesmo processo acontece em narrativas como o romance. Nesse caso, o narrador fala, assim como os personagens, o que nos leva a um *ethos* ligado a cada personagem, como também a um *ethos* do narrador. Também em um discurso jornalístico temos *ethos* encaixado: os entrevistados que ganham voz no discurso; o jornalista que enuncia ao compor uma reportagem; e o próprio jornal ou veículo de comunicação, que fala por meio das enunciações que publica, manifestando, assim, seus posicionamentos editoriais e ideológicos. Nas novas mídias, os *posts* das redes sociais, que se entrelaçam em uma rede de nós intermináveis, ampliam ainda mais as variações em torno da noção de *ethos*. Essa é, portanto, uma

categoria complexa, que se mostra fundamental para o exame de diversos discursos em circulação na sociedade.

4. *Ethos* discursivo e tipologia teológica em O prólogo

Procedemos, agora, à análise do discurso *O prólogo*, materializado na perícope bíblica de João 1:1-18, apreendida, aqui, enquanto discurso constituinte teológico. Nossa investigação fundamenta-se no aparato teórico-metodológico da AD, de acordo com a perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau (1995, 2000, 2008, 2009, 2015, 2020, 2022), em diálogo com a proposição sobre discurso teológico de Nascimento (2009, 2020a, 2020b).

Primeiramente, é preciso situar o evangelho joanino dentro do escopo maior de todo o *thesaurus* bíblico. O discurso de João possui um caráter peculiar em relação aos outros três evangelhos canônicos, também chamados sinóticos[2]. Ele propõe uma narrativa diferenciada em torno da vida e obra de Jesus. Ao invés de privilegiar as curas e exorcismos, João dá atenção especial aos ensinamentos proferidos por Cristo diretamente aos discípulos ou mesmo a algumas pessoas em particular. Claramente, não há uma preocupação em fazer um relato biográfico, mas em apresentar uma visão teológica sobre o Cristo, enfatizando sua doutrina, sua mensagem à humanidade, seus ensinamentos ético-morais. Segundo Douglas (1995, p. 846), "[...] João não contradiz os outros evangelhos, mas antes interpreta a Pessoa que é retratada por eles".

A teologia joanina é marcada por um certo dualismo, o que tem levado muitos a elaborarem uma ligação entre o discurso de João e o gnosticismo helenista do primeiro século. A descoberta dos manuscritos do Mar Morto, no entanto, não corrobora com essa hipótese, uma vez que aponta para uma forte correlação entre a teologia joanina e o pensamento judaico. De acordo com Ladd (1997), os documentos de Qumran mostram que o dualismo joanino se assemelha, em muito, a aquele de-

2. Termo originário em "synopsis" (grego), cujo significado remete a "ver em conjunto" ou "resumo".

CC BY

senvolvido no meio da comunidade judaica dos essênios. "[...] o dualismo Joanino assemelha-se ao dos essênios pelo seu aspecto monoteísta, ético e escatológico, bem como pela sua expectação da vitória da luz" (Ladd, 1997, p. 219). De acordo com a tradição cristã, antes de tornar-se discípulo de Jesus, o apóstolo João teria sido seguidor de João Batista, talvez o sujeito bíblico que mais se aproxime do comportamento sociocultural dos essênios.

Tendo em vista essas considerações de âmbito geral sobre o discurso joanino, passamos agora ao exame específico do prológo, conforme registro em João 1:1-18.

> 1 No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
> 2 Ele estava no princípio com Deus.
> 3 Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.
> 4 A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.
> 5 A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.
> 6 Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João.
> 7 Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele.
> 8 Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz,
> 9 a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem.
> 10 O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu.
> 11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.
> 12 Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;
> 13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.
> 14 E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e

CC BY

> vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.
> 15 João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.
> 16 Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça.
> 17 Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.
> 18 Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.
> (Bíblia Sagrada, 1998, p.1483).

Devido à natureza teológica e profética do discurso, o prólogo de João possui características singulares, que o distinguem em relação à forma usual dos prólogos da Literatura ocidental. De acordo com Leme (2023), as marcas textuais do discurso o aproximam, em sua estrutura literária, à produção lírica do Antigo Testamento, como Salmos e Provérbios. Esses textos eram comumente utilizados como antífonas nos rituais religiosos judaicos. Leme (2023) ainda afirma que o prólogo de João não apenas introduz, como também resume toda a temática que será desenvolvida ao longo do discurso joanino. Além do tema cristológico central, em torno da revelação do Verbo à humanidade, são também apresentados outros temas fundamentais, como o dualismo entre luz e trevas, a fé, o novo nascimento e a graça. Assim, em João, temos um prólogo que cumpre um papel de apresentar os temas centrais de toda a obra, porém com características poéticas e proféticas, uma construção que só encontra similares no *thesaurus* bíblico veterotestamentário.

Logo de início, percebemos o atravessamento do interdiscurso do Antigo Testamento. A enunciação instaura um tempo/espaço denominado "No princípio", o que remete a Gênesis 1:1: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Bíblia Sagrada, 1998, p. 02). A instância autoral engendra, assim, um tempo cronológico identificado com a gênesis dos céus e da terra, algo que antecede ao próprio

CC BY

surgimento da humanidade. Dessa forma, procura demonstrar a pré-existência do Cristo, enfatizando seu caráter divino. A natureza de Jesus é apresentada não em termos étnicos/biográficos, mas por meio de uma razão teológica. Ao investir no desvelamento da natureza do Cristo, a enunciação desvela também um *ethos* profético em torno da figura do próprio enunciador. Alguém que fala em nome da divindade, que pode apresentá-lo à humanidade, que pode revelar os mistérios do tempo/espaço "No princípio".

Nos recortes 4 e 5 o dualismo entre luz e trevas é apresentado: "4 A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. 5 A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela". Percebemos, mais uma vez, o atravessamento do interdiscurso veterotestamentário do primeiro capítulo de Gênesis: "E disse Deus: Haja luz; e houve luz. Viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas" (Gênesis 1:3,4 - Bíblia Sagrada, 1998, p.02). O discurso engendra mecanismos discursivos pelos quais a tipologia da Luz é aplicada à pessoa do próprio Cristo. Ele é a "vida" e a vida é a "luz".

Pela natureza prospectiva dos tipos, enquanto sombra ou amostra do que se concretizará no porvir, é possível vislumbrar que a ligação entre tipo e antítipo é operada, do ponto de vista linguistico-discursivo, por um movimento de semiotização (Charaudeau, 2005). No caso do fenômeno tipológico em apreço, temos, em um primeiro recorte discursivo - Gênesis 1:3 - o imperativo soberano de Deus que ordena "Haja luz", trazendo-a à existência. Essa luz (tipo), por seu traço simbólico e sua visada profética, ainda não possui um caráter definitivo ou absoluto, o qual se poderá atribuir apenas na ocasião da encenação do prólogo do discurso Joanino, quando o sujeito João, o evangelista, declara a chegada da "verdadeira luz" (antítipo), em João 1:9 (Bíblia Sagrada, 1998, p.1483), referindo-se à encarnação do Verbo na pessoa de Jesus Cristo.

No âmbito dos estudos do discurso, a semiotização pode ser definida como prática simbólica de transformação de um mundo a significar em mundo significado. Em termos de uma análise discursiva, diríamos, ainda, que se trata de uma transformação que considera, necessariamente, a encenação ou cenografia que dá contornos à produção de um discurso, o que inclui os sujeitos participantes, bem como seus estatutos social e linguageiro.

No *corpus* em análise, esse processo pode ser evidenciado pela relação entre o termo "luz", cuja ocorrência original no discurso constituinte teológico é a já mencionada ordenança criadora registrada em Gênesis 1:13, e sua reiteração no discurso de João, acrescido do qualificador "verdadeira": "Ele [João Batista] não era a luz, mas veio para que testificasse da luz, a saber a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (João 1:8,9 – Bíblia Sagrada, 1998, p.1483). A nosso ver, o processo pode ser examinado como uma ocorrência de dêixis discursiva, categoria abordada por Maingueneau (2009) como uma espécie de desdobramento do fenômeno conhecido como dêixis textual, marcada pelo mapeamento de quatro elementos: eu, tu, aqui e agora.

Assim, a relação entre os dois recortes distintos das Escrituras, produzidos por diferentes sujeitos da enunciação - Eu e Tu -, situados em uma topografia e em uma temporalidade também distintas, reivindica uma explicação mínima a propósito da categorização do discurso em apreço como *constituinte,* assim qualificado por força de sua natureza fundadora, evidenciada por um código linguageiro que o permite situá-lo como fonte auto instituída, como é o caso do discurso teológico. Se qualquer produção discursiva se refere, via memória, a um já dito, diríamos que o discurso joanino encontra sua referência intra e interdiscursiva na enunciação de Gênesis 1. Essa constatação legitima a compreensão de que cada dêixis discursiva opera uma referência a uma dêixis fundadora validadora.

CC BY

No caso do discurso constituinte teológico, diremos que essa validade é garantida pela voz de uma instância enunciativa superiora, "invocada" ao discurso para legitimar um ato de enunciação. A essa instância autoinstituída, fiadora e legitimadora de um já-dito, o *thesaurus*, chamamos *hiperenunciador*, conforme propõe Maingueneau (2008). O *ethos* profético em torno do enunciador é construído, justamente, à medida em que ele se mostre habitado por essa instância validadora. Assim, o seu dizer, torna-se o dizer do Absoluto que sustenta todo o discurso.Ao examinarmos a presença do fenômeno tipológico no prólogo do Evangelho segundo João, há que se considerar que o elemento em destaque – *a verdadeira luz* – é, na verdade, o *antítipo*, que, nos termos aqui adotados, corresponde à dêixis discursiva. Esta, por sua vez, encontra referência e validade na "luz" de Gênesis 1:3, o *tipo*, que, por sua visada profética e por seu caráter de originalidade, pode ser definido como uma ocorrência de dêixis fundadora.

A relação entre a "luz" e "a verdadeira luz" é, em princípio, compreendida pela própria definição de tipo: figura, símbolo, pessoa ou acontecimento do Antigo Testamento que prospecta elementos e para um cumprimento definitivo apresentado no Novo Testamento. A propósito da luz dada à existência pela declaração imperativa de Deus no primeiro dia da criação, conforme o discurso de Gênesis, é preciso considerar que não se trata de uma ordem para originar os astros responsáveis pela iluminação da terra, os quais só vieram a existir no quarto dia da criação, conforme se pode averiguar no registro dos versículos 14 a 19, do capítulo primeiro de Gênesis.

A luz, pois, em questão é reacionária às trevas, estas previamente existentes, conforme o registro bíblico em Gênesis 1:2,3:

> [2]A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas.[3]Disse Deus: Haja luz; e houve luz. (Bíblia sagrada, 1998, p 02).

A luz, aqui, não é outra senão a que se opõe às trevas, de forma que a dicotomia luz/trevas, simbolizando a luta entre o bem e o mal, temática que percorre todo o discurso bíblico, encontra sua gênese no início da criação. Como tipo ou como dêixis fundadora, diremos que ela é uma prospecção ou uma "sombra das coisas que haviam de vir" (Colossenses 2:17). Mais precisamente, diremos que a "luz", em Gênesis, é uma projeção da "verdadeira luz" que, no discurso do evangelho de João descreve uma declaração da chegada do Messias, da encarnação do Verbo. Eis aí, pois, na correspondência entre os discursos do Antigo e do Novo Testamentos, a trajetória de operação da tipologia: de uma luz um tanto imprecisa a uma luz concreta, suficiente e definitiva, porque "verdadeira".

Compreendemos, portanto, que a tipologia da "luz" é utilizada pela instância autoral como uma estratégia discursiva a fim de revelar a natureza divina do Cristo. Ele é a luz que ilumina todo homem, a fonte do bem para toda a humanidade. Conforme já mencionamos, ao investir na revelação da divindade de Jesus, a instância autoral investe na construção de sua própria imagem. Afinal, quem pode revelar a verdadeira natureza do Filho de Deus, senão alguém perfeitamente habitado por Ele. Ou seja, o desenvolvimento dos enunciados, inclusive com o emprego da tipologia em torno da "luz", reafirma o *ethos* de um profeta, um porta-voz da deidade, algo perceptível desde as primeiras linhas. A enunciação instaura um universo de sentidos onde somente alguém habitado pelo próprio ser divino poderia ter a perfeita revelação de sua natureza. Dessa forma, não é João quem fala, mas Deus fala por intermédio dele. Instaura-se assim, na cena enunciativa, a corporalidade do hiperenunciador, o único verdadeiramente capaz de revelar os mistérios do tempo/espaço denominado "No princípio", algo inacessível aos meros mortais. Esse mecanismo discursivo desloca a instância autoral para um segundo plano. Embora sua voz seja percebida como um narrador na cena,

CC BY

ele não fala em nome próprio, mas em nome do Absoluto que legitima todo o discurso. Sua localização é paradoxal, paratópica, uma negociação constante entre lugar e não lugar. Embora pertença ao mundo comum dos mortais, ele também tem acesso ao mundo transcendente, capaz de revelar os fatos que antecedem a própria existência humana, capaz de revelar a natureza do Ser criador. Ocorre um desnivelamento enunciativo, onde a voz de um Absoluto se sobressai à voz enunciativa do produtor do discurso. O *ethos* profético em torno do enunciador permite, assim, a construção de um universo de sentidos no qual a revelação da forma concreta da "verdadeira luz" é a revelação do próprio Deus, o Absoluto que se torna sujeito integrador e validante de todo o discurso.

Considerações finais

Os estudos linguísticos contemporâneos se apresentam como um vasto campo de pesquisas, com potencial para a produção de conhecimentos mais sólidos e esclarecedores acerca dos mais diferentes fenômenos da linguagem. A partir desse entendimento, este artigo buscou, pela via dos estudos do discurso, examinar o prólogo de João com o objetivo de compreendermos as relações entre *ethos*, tipos e a construção do universo de sentidos mobilizados no/pelo discurso constituinte teológico, compreendendo o teológico como espaço de interação intra e interdiscursiva.

Acreditamos que os conceitos e categorias empregados foram assertivos não apenas para a apreensão do discurso analisado, mas, ainda, para que se corrobore o fato de que a análise do discurso se mantém como transdisciplinar, capaz de alargar nossa percepção acerca do discurso teológico, considerado, muitas vezes, como inadequado à pesquisa e ao ambiente acadêmico.

Portanto, buscamos atingir o objetivo declarado na introdução do artigo, ao examinar o fenômeno da tipologia a partir de uma perspectiva discursiva, atrelando-o, inclusive, à noção de *ethos* discursivo; e reiteramos, em coro com alguns de nossos estudos anteriores, que os tipos bíblicos advo-

gam em favor da estreita relação de correspondência entre o antigo e o novo testamento bíblicos, os quais, em sua totalidade, constituem o que denominamos como discurso constituinte teológico.

Referências

Alves Junior, M. A., & Nascimento, J. V. (2023). Tipologia bíblica e semiotização no discurso teológico. *Revista (Con)Textos Linguísticos, 17*(38), 67–82.

Bíblia Sagrada. Português. (1998). *Bíblia Shedd: Versão aumentada, revista e atualizada*. Sociedade Bíblica do Brasil; Vida Nova.

Charaudeau, P. (2005). Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In M. A. L. Pauliukonis & S. Gavassi (Orgs.), *Da língua ao discurso: Reflexões para o ensino* (pp. 11–27). Lucerna.

Charaudeau, P. (2009). *Identidade social e identidade discursiva: O fundamento da competência comunicacional*. http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html

Davidson, R. M. (2004). A natureza [e identidade] da tipologia bíblica: Questões cruciais (O. C. Moura, Trad.). *Revista Hermenêutica*, (4), 61–111.

Fogaça, R. G., & Stigar, R. (2018). A hermenêutica da Bíblia em Fílon de Alexandria. *Revista Eletrônica Espaço Teológico, 12*(22), 89–103.

Leme, L. da S. N. P. (2022). A doutrina do logos e o prólogo de João: Uma perspectiva no método histórico-gramatical da exegese bíblica. *Pneuma: Revista Teológica, 2*(1), 120–142.

Lund, E. (1968). *Hermenêutica: Regras de interpretação das Sagradas Escrituras* (E. Adiers, Trad.). Editora Vida.

Luther, M. (1955). *Lectures on Genesis*. Luther's Works.

CC BY

Maingueneau, D., & Cossutta, F. (1995). L'analyse des discours constituants. *Langages*, 29(117), 112–125.

Maingueneau, D. (2000). Analisando discursos constituintes. *Revista do GELNE, 2*(1), 1–12. https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331

Maingueneau, D. (2008). *Cenas da enunciação* (S. Possenti & M. C. P. Souza-e-Silva, Orgs.). Parábola.

Maingueneau, D. (2009). *Discurso literário* (A. Sobral, Trad.). Contexto.

Maingueneau, D. (2015). *Discurso e análise do discurso* (S. Possenti, Trad.). Parábola.

Maingueneau, D. (2020). *Variações sobre o ethos* (M. Marcionilio, Trad.). Parábola.

Maingueneau, D. (2022). *Enunciados aderentes* (S. Possenti, Trad.). Parábola.

Nascimento, J. V., Alves Junior, M. A., & Souza Junior, C. F. (2009). *A parábola do filho pródigo*. LPB.

Nascimento, J. V. (2020a). Paratopia, autoralidade teológica e hiperenunciador. In J. V. Nascimento, M. R. de O. Cano, & J. Eliakim (Orgs.), *Paratopia* (pp. 25–42). Blucher.

Nascimento, J. V. (2020b). O discurso teológico como discurso constituinte. In J. V. Nascimento & A. Ferreira (Orgs.), *Discursos constituintes* (pp. 34–59). Blucher.

Nascimento, J. V., Alves Junior, M. A., & Souza Junior, C. F. (2024). Autoralidade e tipologia bíblica no discurso teológico. *Verbum, 13*(3), 46–64.

Smith, J. K. A. (2021). *A queda da interpretação: Fundamentos filosóficos para uma hermenêutica criacional* (V. Lamim, Trad.). Thomas Nelson Brasil.